



AS POESIAS DE SÁ DE MIRANDA E A VERSÃO DEFINITIVA: UMA ANÁLISE DA EDIÇÃO CRÍTICA DE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Marinês de Jesus Rocha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: marines.jr@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Objetiva-se tratar das matrizes da filologia portuguesa e brasileira a partir do estudo da edição “crítica” das poesias de Francisco Sá de Miranda, publicada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, em 1885. A edição michaelina das poesias mirandinas é fundamental para o conhecimento dos modos de inteligibilidade dessa poesia no Oitocentos, bem como no entendimento dos critérios críticos e procedimentos metodológicos utilizados pela erudita alemã, em sua vinculação à finalidade de “restituição” das poesias conforme o desejo de Sá de Miranda. Dessa maneira, visa-se, tendo em vista essa edição, demonstrar equívocos gerados pela obsessão dos primeiros autores de estudos crítico textuais no mundo português pela fixação do texto representante da vontade do autor, a partir de discussões que elucidam o sistema primeiro de produção e de compartilhamento das produções poéticas no período quinhentista.

No processo de fatura da edição michaelina foram recolhidos cinco manuscritos inéditos na forma impressa e todas as edições na recensão produzida, uma vez que, na perspectiva adotada, é fundamental que haja, anteriormente à apresentação do texto criticamente estabelecido a análise detida da materialidade linguística, para a demonstração da importância e do valor crítico de cada uma delas. Por consequência, na edição de poesias mirandinas há dificuldades relativas à fixação da versão “definitiva” pela erudita alemã, devido à quantidade de variantes pertencentes ao próprio autor, multiplicidade essa representativa de um problema para a restauração das últimas lições, preferidas pelo poeta.

Assim sendo, com base em estudos sobre retórica, poética e referente à historicidade dos manuscritos mirandinos e à sua maneira de produção, objetiva-se demonstrar que as noções utilizadas por D. Carolina para avaliar o valor crítico de cada



um dos manuscritos e das edições a que teve acesso são reveladores da sobredeterminação de categorias críticas e conceitos que caracteriza os estudos dos primeiros filólogos portugueses e que se repete em pesquisas e edições ainda nos dias de hoje, como sabemos pela maioria dos estudos sobre poetas pertencentes a esse período.

METODOLOGIA

Para a investigação dos pressupostos críticos filológicos presentes na edição de poesias publicada por Carolina Michaëlis partiu-se de estudos que evidenciam a repetição de conceitos críticos, categorias operacionais, procedimentos e também da finalidade do labor editorial entre os filólogos portugueses Oitocentistas e seus seguidores. Assim sendo, Moreira (2011) demonstra as motivações da inércia que caracteriza a prática filológica portuguesa e brasileira assentada na noção de “ânimo autoral” e de “restituição textual”, tornando patente a a-historicidade na aplicação do método lachmanniano, naturalizado como o único meio de dar inteligibilidade aos textos literários entre nós. As considerações do estudioso permitem ainda uma revisão das justificativas para o tratamento distintivo dado aos manuscritos “inéditos” e derivados de escritos autorais, pois possibilitam compreender que eles “não constituem escritos à espera de publicação” (MOREIRA, 2011, p. 167) e ainda que, no período da composição de tais escritos, o modo de compartilhamento de uma obra era diferenciado em relação aos sentidos de se publicar no século XIX e seguintes.

Dessa maneira, os estudos produzidos por Márcia Arruda Franco sobre Sá de Miranda e as práticas poéticas vigentes no período quinhentista, fundados na imitação e no decoro na forma de produzir e compartilhar poesia, constituem também uma base para historicizar a edição “crítica” de D. Carolina, demonstrando sua pertença a um período específico da filologia, que a maioria dos autores de estudos crítico textuais insistem em atualizar, embora sua validade teórico-metodológica tenha se tornado duvidosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo pormenorizado da edição michaelina das poesias de Sá de Miranda, bem como de outras pesquisas, comentários, edições etc.; de autores de análises crítico textuais no mundo lusófono, permite compreender o modo como a atividade crítica se



vincula à noção de ânimo autoral e à publicação de versões que tenham sido, em alguma medida, autorizadas por cada poeta. Essa finalidade crítica conduz cada uma das etapas postas em prática por d. Carolina e por muitos outros filólogos do século XIX, para a produção de edições impressas que possam ser definidas como “definitivas” ou que sejam um passo em direção a tal edição, porque encerram o desejo autoral de publicação.

A investigação da historicidade e da prática poética vigente no Quinhentos, no entanto, evidencia, conforme Franco (2010), a importância de Sá de Miranda e outros poetas em relação ao desenvolvimento da nova poesia em Portugal, pelas constantes trocas de manuscritos que caracterizaram o modo de produção e compartilhamento de produções literárias, no período histórico português em que viveu, em detrimento da explicação da “obra” pelos supostos dados que compõem a biografia. Segundo ela, o papel desempenhado por Sá de Miranda no contexto social português do século XVI tem relação com as trocas de poesias entre os escritores, bem como com uma rede de considerações a respeito da qualidade de cada uma delas. Esta era uma prática comum do período em questão, que explica, em relação ao poeta citado, as inúmeras variantes autorais, que foram vistas pela crítica Oitocentista como um problema no que se refere à fixação crítica de cada poesia.

Segundo Franco (2008) as variantes autorais de Miranda podem ser entendidas pela prática da imitação, que permitia a existência de mais de uma versão publicada de forma manuscrita e isso significa que há “movência, inerente ao sistema de produção e de transmissão oral e manuscrita da poesia quinhentista portuguesa” (FRANCO, 2008, p. 144). Dessa maneira, no conjunto de poesia desse período a “instabilidade textual” evidencia as possibilidades que cada poeta tem de modificar e “reelaborar” um escrito:

Por ‘movência’ entende-se o fenômeno da instabilidade textual, decorrente quer do ‘múltiplo declinar de um texto por seu autor’, quer da ‘incansável proliferação de inúmeras variantes’ de uma composição poética, cujas versões circulariam simultaneamente num tempo e num espaço, no caso em questão, o século XVI português. Tal instabilidade textual impossibilita considerar-se a existência de uma versão original ou definitiva, quer porque a sua transmissão oral, manuscrita ou tipográfica estivesse sujeita a uma série de acidentes de leitura, quer porque o seu autor a pudesse modificar a cada cópia, segundo as circunstâncias e finalidades que precisam de reelaboração (FRANCO, 2008, p. 144).



Desse modo, há uma “hermenêutica poética responsável pela proliferação de variantes” (FRANCO, 2008, p. 144), que evidencia de forma verossímil as muitas versões com as quais D. Carolina se deparou com o intuito de fixar aquela que teria sido enviada ao príncipe Dom João pela última vez. Assim sendo, Franco (1999) evidencia também o modo como os filólogos Oitocentistas, ao desconsiderarem tão importantes maneiras de composição e compartilhamento, vinculavam produções poéticas e vida, como condição para a proposição de quaisquer considerações críticas, tornando patente a incompreensão desse regime histórico de partilha da poesia. A historicidade das poesias de Sá de Miranda, segundo Franco (2008), confronta a noção de “versão definitiva” a ser restaurada dentre as variantes autorais e a prática filológica mencionada em sua obsessão pela vontade do autor, ao revelar outros usos e modos de produzir e partilhar poesias.

À vista disso, Moreira (2008) demonstra que outros fatores estavam relacionados ao modo de composição e recepção das obras nesse período e explicam de maneira mais adequada a variação na obra de Sá de Miranda e de outros poetas, permitindo, dessa maneira, depreender os preceitos seguidos por estes escritores e previstos pelo horizonte de expectativa. Assim sendo, no entendimento do tipo de composição poética no período em que Sá de Miranda publicou suas poesias, diferentemente do que propôs D. Carolina quando vinculou poesia e “vivido”, outros procedimentos retóricos implícitos na relação poeta e público primeiro dão maior inteligibilidade às produções em questão.

Dessa maneira, o exame dos diferentes fatores históricos implicados nas produções poéticas Quinhentistas, sua forma de publicação e seus efeitos permitem depreender que “neste sistema complexo e fortemente oralizado, onde o poema é cantado e declamado, o livro de mão constitui uma publicação legítima e não representa um estágio não acabado da escrita ou mesmo anterior à impressão” (FRANCO, 2009, p. 34).

CONCLUSÕES

A edição “crítica” dos poemas mirandinos de Carolina Michaëlis de Vasconcellos constitui um discurso de autoridade que dita os lugares comuns relativos à recolha de materiais e sobre o modo como tais objetos em estudo, manuscritos e



impressos, devem ser organizados, lidos e, sobretudo, vinculados à “vida” do autor, para se depreender as variantes que possam ser fixadas como aquelas que constituem um desejo de publicação. Estudos fundadores da filologia portuguesa e brasileira, como a edição de poesias de Sá de Miranda em questão, demonstram o uso inadequado de uma noção de autoria e conjuntamente a extensão de um sentido supostamente pretendido pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica Textual Oitocentista; Sá de Miranda; Versão Definitiva; Movência.

REFERÊNCIA

FRANCO, Marcia Arruda. A Reprovação das Qualidades Poéticas da Obra de Sá de Miranda pela Crítica Oitocentista. **Revista da ABRAPLIP**, v. I, n. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, 1999, p.199-219.

_____. Os Primeiros cultores da maneira italiana em Portugal. **ABRIL – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, Vol. 3, nº 4, abril de 2010, p. 117-132.

_____. Impressos e manuscritos quinhentistas de Sá de Miranda. **FLOEMA - Ano III**, n. 5 A, p. 31-62, out. 2009.

_____. O Texto Triplo De Uma Cantiga Mirandina. **FLOEMA**. Caderno de Teoria e História Literária. Ano II, nº 4, jul./dez. 2006. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008, p. 11-36.

MOREIRA, Marcello. **Crítica Textualis in Caelum Revocata?** Uma Proposta de Edição e Estudo da Tradição de Gregório de Matos e Guerra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

_____. A Carta, o Louvor, a Lei: A problemática da Carta a El-Rei D. João III. **FLOEMA**. Caderno de Teoria e História Literária. Ano II, nº 4, jul./dez. 2006. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2008, p. 85-107.

VASCONCELLOS, Carolina Michaëlis de. **Poesias de Francisco de Sá de Miranda**. Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas, acompanhadas de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossário e um retrato, Halle, Max Niemeyer, 1885.